



RICARDO DUARTE/BD

Em doze meses, frango em pedaços aumentou 15,4% para os consumidores gaúchos, no país alta foi de 8,20%

Dificuldade para repassar

Economia do país, com aumento do desemprego e queda na renda, impedem alta de preços

O crescimento do desemprego e a queda da renda no país tornaram impossível para as indústrias de carne suína e de frango repassar para o consumidor toda a pressão causada pelo aumento do custo de produção, provocada principalmente pela escalada do preço do milho. Enquanto a cotação do cereal praticamente dobrou em um ano, o impacto nas gôndolas dos supermercados foi bem menor, mostram os números do Índice Nacional de Preços

ao Consumidor Amplo (IPCA), considerado a inflação oficial do Brasil, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A dificuldade maior é da suinocultura. Enquanto o índice geral subiu 9,32% em 12 meses no país até maio, a alta da carne suína foi de apenas 1,72% no período. No caso do frango inteiro, o repasse foi de 15,1%, mas mesmo assim abaixo do ritmo de aceleração dos custos.

O presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), Nestor Freiberger, avalia que, ape-

sar da crise instalada no país dificultar o repasse, a continuidade do quadro deve determinar novos reajustes para o consumidor

– É insustentável do jeito que está. Se essa situação continuar teríamos de repassar pelo menos 20% para o varejo, apesar de, do lado de lá, a população estar com poder de compra menor. Acontece que a conta não fecha – observa Freiberger, lembrando que a carne de frango é a mais barata à disposição dos brasileiros e, mesmo assim, o consumo per capita no país deve ficar estável este ano, em torno de 44 quilos.

Produção e consumo desajustados

O diretor executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Suínos do Estado do Rio Grande do Sul (SIPS), Rogerio Kerber, também avalia que a situação está inviabilizando o setor. Com os custos da cadeia em alta e a perda do poder de compra da população, as duas pontas – produção e consumo – estão desconectadas.

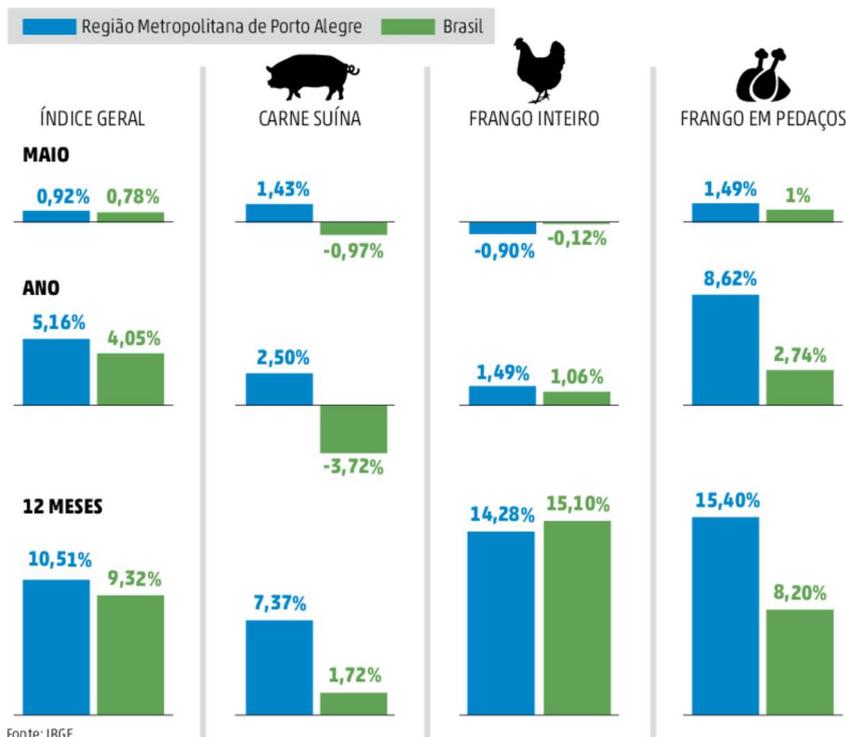
– É uma situação estrutural do país e isso não muda de uma hora para a outra. O desemprego compromete a renda familiar a e, ao mesmo tempo, a inflação e os preços dos alimentos seguem em expansão. Quem vai ao supermercado percebe isso – conclui Kerber.

Apesar do cenário adverso também pelo lado da demanda, as perspectivas são de continuidade das dificuldades e os repasses de preços devem ser inevitáveis. O avanço das exportações também não tem se mostrado suficiente para enxugar o mercado interno. Kerber lembra que, em regra, apenas 15% do que se produz de um animal depois de abatido vai para o mercado externo. Como o Rio Grande do Sul não é livre de febre aftosa sem vacinação, as indústrias gaúchas não podem, por exemplo, exportar carne com osso.

A zootecnista Juliana Pila, analista de mercado da Scot Consultoria, observa que, semana passada, os preços dos suínos e aves nas granjas de São Paulo apresentaram alguma reação e, com as baixas temperaturas dos últimos dias e a chegada do inverno, é possível esperar alguma retomada no consumo de proteína animal no país.

PRESSÃO DOS ALIMENTOS

De acordo com a inflação pelo IPCA, carne de frango subiu mais do que o índice geral, enquanto na suína a variação ficou abaixo



EMBARQUES DE CARNE

De janeiro a maio, as exportações de carne de frango chegaram a 1,8 milhão de toneladas. Em valores, no entanto, houve queda de 0,7%, para US\$ 2,7 bilhões. No setor de suínos, as exportações no acumulado do ano somaram 291,9 mil toneladas (+61,2%) e US\$ 510,9 milhões (18,3%).